

# Apresentação

A proposta deste número 10 da Revista *Gragoatá* consistiu em reunir artigos de especialistas brasileiros – e não só – que se debruçassem sobre a Ibero-América em sua dupla versão falante: espanhola e portuguesa. Representava uma tentativa de, pelo menos em parte, estender, no varal da cultura de nosso tempo latino-americano, a extensa colcha de retalhos por cujo desenho se pode entrever, como pelas fendas do labirinto surpreendido por Borges no livro francês da infância, a multiplicidade de cores e padrões que sustenta a configuração da região, tanto no que se refere ao seu polifacetado recorte sócio-histórico, quanto ao cultural.

Quando lhes foi dada a responsabilidade de pensar o volume, as organizadoras decidiram que ele se deveria constituir como um lugar de tradução crítico-discursiva desse corpo híbrido, de medusiana cabeça, que “nossa América” acaba por desenvolver, quando se deixa penetrar pelas várias vozes dissonantes que a atravessam, terminando por constitui-la. Talvez se quisesse – a partir dos vários falares críticos que pudessem surgir como resposta ao convite da Revista – propiciar a constituição de um constructo reflexivo sobre o “ritual antropófago” da literatura latino-americana, tal qual proposto por Silviano Santiago e que encontra seu ponto de ancoragem em um lugar “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão” (SANTIAGO, 1997, p. 28).

Por tal rito, a memória ancestral, rasurada pelas artimanhas do olhar excludente do dominador, em sua censura de base, encontra novas formas de manifestação, propondo-se, em consequência, um outro pacto discursivo pelo qual ganha voz e vez uma fala fora do lugar, tão bem metaforizada por Shakespeare nos incompreensíveis “ruídos” de Caliban (não por acaso anagrama de canibal, o que é sempre bom reforçar). Há, dessa feita, uma movência paradigmática e a européia ordem do discurso falologocêntrico começa a fletir, dando lugar a um deslizamento de sentidos que se faz a marca discursiva dos sujeitos subalternos. É aí que tal discurso encontra seu furo, passando a pactuar com a – e/ou apostar na – força de sua própria heterogeneidade e diferença, esta jamais sinônimo de essencialismo, na lição de Edward Said. A memória tem, por tudo isso, em todo o processo, um papel fundante e por ela outros paradigmas se podem tecer, sempre como uma forma qualquer de trapaça, a buscar iludir a ordem homotética da qual o canônico discurso ocidental (fundado no *uno* e no *logos*, e que só chega até o binarismo) é a mais perfeita encenação mascarada.

Como se sabe, Ricardo Piglia, na esteira de Freud para quem só se escreve sobre si mesmo, afirma o caráter autobiográfico da crítica moderna também ela uma forma de um sujeito reconstruir sua própria existência humana. Dessa feita, pode-se ver, pelo conjunto dos textos a serem aqui apresentados, que eles representam um mergulho em nossa própria vida de sujeitos latino-americanos. Sempre acabamos por nos projetar, pelo fascinante jogo de espelhos do texto produzido, no que ficcionamos, seja escrevendo, seja lendo ou reescrevendo. Daí o cuidado em organizar o número da Revista sem muita interferência ou busca de nexos ou hierarquias. Convenhamos não ser tarefa fácil ordenar, quando o próprio movente era encontrar um modo de encenar os múltiplos caminhos da desconstrução.

A solução encontrada para o impasse chegou naturalmente, quando as organizadoras tiveram em mãos o material já selecionado pelo trabalho interno da Comissão Editorial. No conjunto dos textos, aproximadamente 60% faziam referência ou se debruçavam sobre um entre "todos os nomes" – aqui parodiando o título do romance de José Saramago –, que se foram tatuando nos corpos críticos. Este nome "assinalado" foi o de Jorge Luís Borges que acabou por trazer o desenho que se desejava. Como na eterna imagem do círculo da sabedoria, o início e o fim se deveriam tocar, pois qualquer fim se precisa anunciar como outro princípio. Assim, pois, pela ordem em que aparecem na Revista, encontram-se os ensaios de:

1 - Raúl Antelo, que discute a questão do híbrido, tomando-o como ficção teórica que se faz possível com o próprio "esgotamento da modernidade". Parte de um conjunto de vozes críticas – Bataille, o próprio Eisenstein e Agamben, por exemplo – para propor, como diferimento e produção de novos sentidos, o traço do monstruoso ou informe, que tem no rosto o seu lugar de inscrição principal. Chega, por tal via, à afirmativa de que o rosto se faz o próprio rosto da ficção e, em certa medida, do ficcionador. Borges é o principal alvo de seu olhar que se espraia, ao tentar surpreender um "certo veio anti-sistêmico da dissidência modernista" como precursor dessa nova ficção teórica. Desse modo, propõe uma espécie de volta a Machado e a Euclides, para sublinhar os traços recorrentes que se entrecortam e, com isso, enfatizar a "duplicidade ético-estética do valor monstruoso" no corpo;

2 - Eneida Maria de Souza, que propõe uma reflexão crítica sobre a questão básica de que o texto não se circunscreve à palavra escrita, deslocando-se do seu lugar ficcional para o da vida. Trabalha a questão do bovarismo, vendo-o como a atitude pela qual se traduz o procedimento de ligar situações pessoais efetivamente vividas com outras criadas pela ficção. Discute o novo lugar da intertextualidade, pensada não mais como possibilidade de descobertas de origem ou fundação de discursos, mas como um gesto interpretativo que tem como base o princípio da simultaneidade, e que considera principal-

mente a desconstrução do lugar ocupado pelo sujeito no texto. Ressalta a importância do diálogo da literatura com outros saberes e se debruça sobre a questão da tradução;

3 - Renato Cordeiro Gomes, que analisa a "cidade partida" através da construção discursiva efetivada por narrativas ficcionais e documentais de dois tempos do século XX, em que uma lógica excludente parte a cidade do Rio de Janeiro na metrópole do início do século e nas micrópolis da última década, quando as tensões entre o local e o global a transformam em permanente palco de uma guerra de relatos: os produzidos pelo poder público e os pequenos relatos da rua. O ensaio revela, através da análise desses relatos, que, mais que binária, se trata de uma cidade estilhaçada, onde não se harmonizam as vozes dissonantes. Nessa pluralidade presente, identifica-se, tal como na binariedade do começo do século XX, na ordem física e na dos símbolos, a segregação que acentua um "dentro" e um "fora", a dificultar cada vez mais a determinação de seus espaços;

4 - Lucia Helena, que se volta para o aparato conceitual com que a investigação contemporânea relê a modernidade, apontando para a redução dos paradigmas formadores dos múltiplos sentidos da modernidade e que visa enfeixá-la numa razão instrumentalmente universalizante e iluminista. A segunda questão por ela levantada diz respeito ao tema da identidade, para a qual sugere uma crônica rigorosa da história do conceito. A autora debruça-se sobre a repetição de conclusões que merecem mais detida reflexão e também sobre o fato de que a caracterização cultural do século XVIII tem sido pouco estudada em contraponto com o XIX. Seu ensaio faz a correlação entre paradigmas da modernidade, enfocando Voltaire-Rousseau, em contraponto, e o processo de formação cultural no Brasil, no trânsito do Século XVIII para o XIX, articulação que lhe permite discutir a identidade brasileira na dialética da ambigüidade;

5 - Gustavo Bernardo, que desdobra uma reflexão a partir da frase: "A literatura é a perspectivização da realidade", síntese, em linhas gerais, de seu objeto de estudo. Em sua argumentação, vale-se de "Um boi vê os homens", de Drummond, de "Uma baleia vê os homens", de Antonio Tabuchi e "O olho no vento", de Bernardo de Carvalho, para afirmar que a leitura de qualquer texto do mundo precisaria ser feita como se a ingenuidade fosse possível para ler o valor que se investiu no que foi lido. O ensaísta detém-se em Cortázar e no filósofo Vilém Flusser para investigar a ficção filosófica através das perspectivas abissais do Axolotl e do Vampyrotheutis e concluir que escritor e filósofo coincidem na observação de uma contradição promovida pelo nosso tempo, qual seja, a do empobrecimento paradoxal da ciência instituída na medida em que mais valor adquire;

6 - Maria Esther Maciel, que se debruça sobre o inventário, feito por Alfredo D'Escagnolle Taunay, dos relatos fantásticos dos cronistas, no período do descobrimento, sobre a fauna do Brasil e da Améri-

ca Latina, para articulá-los com textos latino-americanos, bestiários de escritores e artistas do final do século XX. Dessa articulação, resultam algumas questões de ordem cultural que, ao discutirem o caráter híbrido, heteróclito, “monstruoso”, da assim dita identidade latino-americana, rastreiam e avaliam a construção do que a autora chama de o espaço enciclopédico do continente;

7- Alfredo Cordiviola, que se refere à “História dos dois que sonharam”, de J. L. Borges, uma história de vaticínios encontrados, parcialmente falsos, parcialmente verdadeiros, para introduzir seu ensaio. Volta-se para outros dois sonhos distantes, vinculados pela tradição literária: o *Somnium Scipionis*, escrito por Cícero, no século I (A.C.) e o mapa de 1483, que retoma e confirma a tese da existência de terras extensas e incógnitas no hemisfério sul. Em sua leitura de *Somnium*, de Maldonado, o ensaísta expõe os conflitos da história da colonização espanhola no século XVI, através de uma ficção menor protagonizada pelos simples e puros cristãos que habitavam a faixa de terra entrevista por Cícero e conjecturada pelos cartógrafos. O autor põe em relevo a percepção de Maldonado em relação à chegada dos espanhóis, vendo-o como momento que marca o começo do fim da utopia e inscrevendo o *Somnium* em uma fantasia sobre a felicidade perdida que se esvai;

8 - Olga Valeska, que situa sua reflexão sobre tradição e memória no contexto da atualidade. Sem perder de vista as conseqüências, para o campo da cultura, do processo de desterritorialização do capital e do próprio território, a ensaísta vale-se do conceito de “memória inventiva”, de J.L.Borges para discutir a questão da “tradução” como espaço de “relação” transcultural. Por essa via, a ensaísta conduz o leitor ao espaço transitivo, sempre em movimento e sempre fragmentário que resulta da “tradução” empreendida a partir de uma “memória inventiva”;

9 - Maria Antonieta Pereira, que aborda o trabalho ensaístico-ficcional de Ricardo Piglia e Silviano Santiago. Sua reflexão teórica percorre a trilha apontada pelo título de um texto de Lévy-Strauss: – “Na linha” –, para chegar ao sentido de “picada”, elaborado por Derrida. Retoma a autora a produção de Santiago e de Piglia que, afirma, vêm configurando, ao longo dos anos, um pensamento crítico capaz de permitir a leitura da América Latina como espaço cultural. Segundo ela, a tradição de penúria intelectual e dependência cultural da memória latino-americana é liberada por Piglia e Santiago, para ingressar no estado de enfrentamento de uma ex-tradição indiciada pelo rastro perdido no pampa ou pela picada na selva;

10 - Geysa Silva, que se detém no atual problema de procurar respostas possíveis para questões relacionadas ao indivíduo e suas relações com o macro e o micro social. A partir daí, mostra como se constroem relações entre ficção, identidade e História, capazes de evidenciar, pela reescritura da cena original, as circunstâncias em que

elas acontecem. Seu artigo repensa questões teóricas que envolvem o narrador, ancorando-se no romance de A. Roa Bastos, *Vigilia del almirante*. Para a autora, o jogo multiplicado de narradores descaracteriza a visão única legada pelo descobridor. Ela enfatiza, ainda, o fato de que Roa Bastos acena com a esperança da vitória contra a homogeneização que permitirá realizar, singularmente, a diferença;

11 - André Luiz Gonçalves Trouche, que propõe uma observação comparativa entre o sistema literário brasileiro e o hispano-americano. Parte de uma postura supra-nacional para confrontar dois episódios: as viagens pelo Brasil, organizadas pelos intelectuais integrantes do núcleo central do modernismo brasileiro em São Paulo; a pretexto de ciceronear o vanguardista francês Blaise Cendrars. O ensaísta, por essa via, aponta para aspectos e atitudes comuns que, durante boa parte do Século XX, permitiram a construção e sedimentação de um discurso alternativo, para ele o único instrumento capaz de conquistar espaço e garantir a fala à margem;

12 - Claudia Luna, que inspira seu ensaio no texto de João Alexandre Barbosa, "Borges, leitor do Quixote", faz uma reflexão sobre o conto "Juan Muraña", escolhido por J.L. Borges como seu melhor conto. Afirma a autora que as principais vertentes desenvolvidas pelo escritor argentino estão evidenciadas em Juan Muraña, o que propicia à ensaísta estabelecer um diálogo com a obra de Esteban Echeverría, via que conduz ao tema do *doblo* e sublinha o temor ancestral das elites argentinas perante a alteridade;

13 - Roberto Márquez, que toma como epígrafe um verso do cubano Nicolás Guillén e daí faz partir sua reflexão sobre as raízes históricas e estruturais não só da americanidade compartilhada, mas também da idéia de raça e o processo de racionalização das Américas. Por essa trilha, vislumbra, identifica e discute questões como a "Sociedade das Raças" e castas raciais que historicamente formaram e articularam socialmente as Américas e também a revolução haitiana, para apontar na direção de uma subsequente e crescente "Ansiedade de Raça". Em seguida, desenha as etapas e as tendências nas quais encontram expressão as características estruturais entre os séculos XIX e XX;

14 - Patricia d'Allemand, que, em seu ensaio, se detém na visão das sociedades andinas (e também latino-americanas) que perpassa toda a obra de Antonio Cornejo Polar: sociedades fraturadas pelas diferenças e pelos desencontros, o que, para Cornejo Polar, requer da crítica um novo aparato conceitual e metodológico que dê conta da pluralidade, deslegitimando-se, assim, as abordagens homogeneizadoras, as visões unitárias, as sínteses conciliadoras. A ensaísta detém-se no exame da evolução e ampliação do campo de aplicação da categoria de "heterogeneidade" no discurso de Cornejo Polar, o que favorece a visão do plural sobre o binário, seu potencial interpretativo e o da categoria do "migrante" proposta pelo crítico peruano.

---

A Revista, por fim, traz o depoimento de César Fernandez Moreno feito a Sueli F. Barros sobre Macedonio Ferraz e sua ligação com J. L. Borges. O depoimento mostra a importância de Macedonio, seus temas, seu humor e, principalmente, o fato de ter sido Borges um discípulo de Macedonio, muito embora a sua existência literária se deva ao primeiro que faz dele "o personagem central da literatura argentina".

Os nossos leitores encontrarão, nas páginas deste número da Revista *Gragoatá*, portanto, uma espécie de mapeamento de uma fala literária que se queria inicialmente ibero, mas se fez latino-americana, ao fim e ao cabo. Os acidentes "geográfico-culturais" em tal mapa assinalados nos vão mostrar corpos de monstros ou animais estranhos, com especial relevo para seus rostos e olhos, sempre formas de expressão da própria ficção; eles trarão topografias de cidades próximas e distantes, às vezes até em forma dos nomes que as habitaram; vão-se debruçar sobre traços, cenas, repetições; vão trazer outros pontos da tradição cultural; vão mostrar soterramentos, inclassificações, silêncios, reinvenções; vão até aos clássicos, surpreendem outras inscrições cartográficas, rastros e fragmentos. Enfim, falam de "nossa América" híbrida, migrante, plural, conjunto desarmônico ao primeiro olhar, mas sempre "nossa América", na força de suas tensões fundantes, de sua tradução transcultural e, principalmente, remetendo ao belo título de Flora Sussenkind, que não "é longe daqui".

Laura Cavalcante Padilha  
Magnólia Brasil Barbosa do Nascimento